

ENTRE NÓS

AUTOR – SANTIAGO SERRANO

santiagoms_2000@yahoo.com

Tradução –Maria Alice Costa

**O texto está registrado e protegido pelas leis da propriedade intelectual.
Para sua utilização é necessário solicitar autorização ao autor.
santiagoms_2000@yahoo.com**

(Banco de praça, por um lado entra Leonor e seu aspecto é desleixado. Tem mais ou menos 45 anos, Vem com uma bolsa que apóia no banco. Se senta e tira da bolsa um tricô que apóia sobre o banco. Em seguida de uma outra bolsa biscoitos de nata. Depois uma garrafa de água. Depois um rádio de pilha. Música dos anos 70. Põe os óculos e começa a fazer tricô. O banco fica cheio com seus objetos.

· Pelo lado direito entra Laura. Está bem vestida. Se aproxima com intenção de sentar. Leonor faz de conta que não percebe. Nem a olha. Laura faz tentativa para sentar-se. Como não recebe resposta faz menção de se retirar. Olha pela praça e percebe que não há outro banco.(Tenta outra vez sentar-se)

LAURA – Desculpe senhora, mas todos os bancos estão ocupados.

LEONOR – (Olha) – Pode sentar. (continua com o trabalho - Laura espera que Leonor tire alguma coisa do banco, mas como não o faz, senta-se como pode na ponta do banco.)

LEONOR – (olha para Laura depois de um tempo) – Fica cômoda mulher, senão você vai cair daí. (continua tricotando)

LAURA – É que está todo ocupado, minha senhora..

LEONOR –É verdade, eu nem percebi. O tricô me distrai. Meu marido sempre diz: quando você tricota se esquece do mundo (tira algumas coisas dando espaço) Mas é muito relaxante. A gente não pensa muito e vai fazendo alguma coisa útil.

LAURA – Obrigada, desculpe.

LEONOR – De nada, sinta-se como em sua casa. É que este é o meu banco predileto (pausa) Não me pergunta porquê?

LAURA - (sem interesse) Por quê?

LEONOR – Porque fica em frente à rua e o ruído do trânsito me relaxa. Sofro dos nervos.

LAURA – Que pena (pausa) (sobressaltada) – Meu Deus, com tudo isto me esqueci do mais importante - (se levanta e Leonor a olha atentamente.- tira um lenço da bolsa , o estende sobre o banco e aí se senta)

LEONOR – (indignada) Ninguém ainda morreu por sentar num banco. Minhas coisas são limpas e eu não tenho nenhuma peste, sabia? Nervos sim, mas não são contagiosos (volta a tricotar ofendida)

LAURA – Não se ofenda por favor, não é por sua causa, não é nada pessoal. (Leonor segue tricotando ofendida). Vai saber quem se sentou antes. (confidencial) - Há doenças venéreas que contagiam de uma forma incrível.

LEONOR – Venéreas?

LAURA – Sim

LEONOR - Tem razão, não tinha pensado nisso. (tira um lenço da bolsa e limpa onde estava sentada e em seguida imitando Laura o estende sobre o banco e se senta) Escutou isso no rádio ou viu na televisão?

LAURA – Li numa revista feminina. Não escuto rádio nem vejo televisão.

LEONOR – A música incomoda?

LAURA – Incomodar não incomoda.... Talvez se pusesse um pouco mais baixa. Quero ler um pouco. (pega um livro na bolsa)

LEONOR - (baixa o volume, mas a diferença é imperceptível – Laura a olha fixamente e ela desliga o rádio) – Lê muito pelo que vejo. Eu gosto mais de televisão. Faz 15 dias que a minha quebrou. Parece que queimaram uns.... não sei o quê... Poderíamos comprar uma nova mas estamos de prestações até aqui.

LAURA – Que pena (continua lendo)

LEONOR – Ligo a televisão e vejo qualquer programa... qualquer coisa... me relaxa, por causa dos nervos. Esqueço, esqueço de tudo, É como uma terapia, como se diz agora. Me sento no sofá, pego o controle remoto e relaxo. Por que tinha que quebrar?. Nunca podia imaginar que isso fosse acontecer. Eu cuidava tão bem dela. Já tinha uns bons anos. (Olha Laura que continua lendo) Como lhe dizia – me sentava às 8 da manhã para ver o jornal e só ao meio dia, depois do outro jornal é que eu preparava alguma coisa para comer. Voltava e via até as 5 horas, enquanto passava roupa. Tem cada novela fantástica. (começa a notar-se a impossibilidade de Laura continuar lendo) Que autores, que imaginação. De onde tiram tantas histórias? A vida é tão aborrecida e eles com imaginação para fazer cada maravilha e que gente linda.... Não se vê gente assim nas ruas. Maquiadas, bem vestidas, umas casas... uns carros... Eu adoro as novelas mexicanas. (Laura tem um acesso de tosse e Leonor bate nas costas) –Mas as novelas brasileiras também são uma maravilha. Só não gosto de novela de pobre.

De pobreza já basta o que a gente vê todos os dias ao vivo e em cores. Qual novela você vê?

LAURA – Já lhe disse que não vejo televisão. Leio (Fecha o livro e o guarda)

LEONOR – (entusiasmada com a conversa sem notar que Laura está incomodada) Simplesmente Maria... Rosa do bairro.... nessa trabalhava Thalia. Como eu chorava!. (Tira um refrigerante da bolsa e oferece) – Quer?

LAURA – Não obrigada. Me dá acidez. Eu trouxe meu almoço. (Tira da bolsa um iogurte e um sanduíche)

LEONOR – (curiosa e tentada) – É do quê seu sanduíche?

LAURA – De queijo.

LEONOR – O queijo me faz mal, me deixa o estômago duro como pedra.

LAURA - (Com nojo) Argh....

LEONOR – Não quer uns biscoitinhos de manteiga?

LAURA – Obrigada, mas também me dão acidez.

LEONOR – Tudo lhe dá acidez?

LAURA – Tenho que me cuidar, meu estômago é muito sensível. Faço dieta rigorosa. Úlcera.

LEONOR – Talvez seja por nervoso. Eu como tranqüila e nada me acontece, mas se estou nervosa, fico com uma bola no estômago. Estou quase certa que o seu problema é nervoso também.

LAURA – Estou em tratamento por causa disso também, com um psiquiatra. Um comprimido ao levantar e outro ao dormir, e fico nova.

LEONOR – Com comprimidos eu não quero nada. Me dão medo, porque depois a gente fica.... como se diz?

LAURA – (fazendo que não entende) – Como se diz o quê?

LEONOR – Essa coisa que a gente não pode passar sem eles, e se não os tomar fica louca.

LAURA – Você quer dizer, “viciada, dependente”.

LEONOR – Isso mesmo. Dependente. Se vê cada caso na televisão. Tem que se escolher; ou vida ou droga e eu estou com a vida. Não vou tomar nenhuma porcaria dessas. Eu me arrango naturalmente.

LAURA – Me parece que exagera.

LEONOR – Se estou nervosa, vejo televisão e se não passa faço tricô. Se ainda assim não passa, venho até aqui escutar o barulho do trânsito. E por último descasco cebolas e choro até descarregar tudo, me acabar...

LAURA – Você pode fazer isso porque tem o dia inteiro livre. Eu trabalho de manhã à noite.

LEONOR – (Ofendida) Eu também trabalho. Olhe minhas mãos como estão. Só porque trabalha num escritório acha que as que ficam em casa se coçam o dia inteiro. Eu tenho uma família pra cuidar. Um marido e dois filhos. E sacrifiquei tudo pela minha família. Não como algumas que...

LAURA - (A ponto de sofrer um ataque de nervos)- Eu não disse que você não trabalha, apenas quis dizer que passo nove horas num escritório e que não posso...(parece que se afoga) ver televisão, nem ficar olhando o trânsito.. nem descascar cebolas.... e que.... e que simplesmente tomo um comprimido de manhã e outro à noite para poder.... poder estar em condições de fazer.... o que tenho que fazer, e que não sou uma drogada. (quase sem poder respirar)

LEONOR –Calma mulher, não fique nervosa (Laura tenta relaxar, respira fundo e gira o pescoço) Não quis ofendê-la. Não disse que você era uma drogada. Se vê bem que você é uma.... mulher decente... (Leonor olha fascinada os movimentos de Laura)

LAURA – (repondo-se) Desculpe.... extrapolei... (tira da bolsa um frasco com comprimidos)

LEONOR – Esses são os comprimidos?

LAURA –Sim (toma um).

LEONOR –Nossa, como são coloridos. A verdade é que eu também fiquei nervosa.

LAURA – Quer tomar um?

LEONOR – Bem.... bom.... me dá um. Mas você agora toma um refrigerante.

LAURA – (SORRINDO) Está bem.

LEONOR – Eu me chamo Leonor e você?

LAURA – Eu me chamo Laura.

LEONOR – Que bom o comprimido. Já estou mais tranqüila.

LAURA – E são baratíssimos. Em comparação aos antibióticos, que estão com os preços nas nuvens, estes não custam quase nada.

LEONOR –(PAUSA) Eu venho aqui todos os dias. Acho que já disse. Desde que a televisão quebrou. Que chato, né?

LAURA – É . Você já disse.

LEONOR –Bem, quando chove ou faz frio, não venho

LAURA – Posso imaginar. (Pega o livro novamente)

LEONAR – Estou achando que você gosta mais de escutar do que falar Você é muito calada.... não tinha te visto antes, ao menos neste horário. Mas não pense que passo todo o dia aqui.

LAURA –Sou alérgica ao pó das árvores. Asma. Tive que esperar que passasse a primavera. O especialista em alergia me proibiu ficar ao ar livre.

LEONOR – E eu que me queixo dos meus nervos. Tudo acontece com você. Pobrezinha – acidez, alergia, asma, nervos... Você vai muito no médico?

LAURA – Eu faço um chek up geral a cada três meses. Não se pode descuidar da saúde, temos que ser metódicos. Eu acordo todos os dias à mesma hora e o primeiro que faço é....

.LEONOR - (cortando) – Tomar os comprimidos

LAURA – Em jejum jamais. O meu café da manhã é um preparado indicado pelo meu nutricionista, É uma mistura de cereais, frutas secas, malte....

LEONOR – Malte? Mas isso é para dar mais leite, quando se está amamentando. Ele não se enganou? Você está amamentando?

LAURA – Claro que não. É para a pele. Depois faço meia hora de ginástica e yoga e me sinto nova. Você faz alguma coisa?

LEONOR – Eu?... faço com o aspirador, a enceradeira, os vidros, o chão, a lavagem da calçada... Depois disso não tenho vontade pra mais nada. Além disso não gosto dessas coisas orientais. Desde que os coreanos invadiram nosso país, sim porque eles invadiram. Estão em todos os lados. Essa ginástica que você disse, os restaurantes, os supermercados. Tudo!

LAURA – Desculpe, mas o yoga não é coreano, disso eu entendo. Faço um curso duas vezes por semana e não tem nada que ver com os coreanos, é hindu.

LEONOR – (incômoda) Perdão, não quis ofendê-la. Afinal qualquer um comete um erro,. De todas as maneiras hindu ou coreano, dá no mesmo. Isso é coisa de chineses.

LAURA – Se você acha...(silêncio. Leonor volta a tricotar e Laura volta ao livro, mas em seguida olha Leonor). Também estou fazendo um curso de desenho de moda, vou três vezes por semana. O que estou vestindo fui eu que desenhei e uma costureira fez. Não é lindo?

LEONOR – Eu vi um muito parecido na televisão na novela das seis .

LAURA – É único, não pode haver outro igual.

LEONOR – Bom eu achei parecido. Como você gosta de fazer cursos!

LAURA – E isso porque não tenho tempo, porque senão.....O ano passado fiz um de ikebana.

LEONOR – Eu não disse? A invasão!

LAURA – E um de bricolagem que eu adorei. As coisas que a gente pode fazer com as mãos. Também fiz um de recitado poético.

LEONOR – Eu adoro poesia. Você sabe algum poema de cor. Recita pra mim...

LAURA – (fingindo) – Não, me dá vergonha.

LEONOR – Recita, ainda que seja um pequenininho.

LAURA – Se você insiste (Recita "LIED" de Rafael Arrieta) ***Éramos três irmãs/ disse uma :/Virá o amor com a primeira estrela...../Veio a morte e nos deixou sem ela/ Éramos duas irmãs... e me dizia .../ Virá a morte e você ficará sozinha..... mas o amor levou-a.... Eu clamava.... eu clamo.... amor ou morte.....quero o amor ou a morte..... e ainda espero.***

LEONOR – (aplaude) Eu recitava também no colégio, para as festas. Ainda me lembro a que eu recitava melhor. Você quer que eu recite?

LAURA – Se quiser...

LEONOR – Pena que não tenho mais a roupa Me lembro como se fosse hoje. Foi no quinto ano e era “dia do animal” Imagina, eu vestida de vaca, com um guizo aqui, com muita palha em volta e um bebedouro. Espera, espera que tenho que sentir-me um pouco vaca (se concentra e recita : "LA VACA MUERTA" de Don Baldomero Fernandez Moreno) ***Lentamente vinha a vaca Rosinha pelo campo muito verde, todo cheio de agua . Vinha lentamente... os olhos muito tristes, a cabeça baixa e da sua boca pendia um fio de baba – Faça-a correr homem... a mulher gritava ao velho marido... Já pastou muito...e o velho apressado, subia os braços e baixava.... A vaca correu como pôde, os olhos mais tristes, a cabeça baixa... e junto à cerca caiu morta a vaca Rosinha... O***

velho e a velha choravam. E veio um vizinho com uma faca afiada e no ventre redondo e sonoro, deu uma punhalada/ Um pouco de espuma de um verde clarinho de alfafa surgiu pela ferida e o sábio vizinho, depois de um olhar demorado, deu sua sentença: a carne está boa, temos que aproveitá-la. Os céus estavam cor de cinza e o velho e a velha choravam.... (recompondo-se) Viu que triste? Ainda me dá um nó na garganta.

LAURA – Muito bonito e você fez muito bem a vaca.

LEONOR – Eu gostaria de ter sido atriz. Mas a gente tem de fazer opções, né? (pausa) Mas olha que sem vergonha esse cara, já é a terceira vez que passa... E como olha para cá!

LAURA –(ironicamente) Talvez por causa da vaca...

LEONOR –Não sei não. Tem cada degenerado à solta. Quando era criança levei um susto. Um homem me seguiu três quadras e numa esquina abriu o sobretudo, Você não sabe o que ele me mostrou.

LAURA – Imagino. Mas acho que agora você não se assustaria....

LEONOR – Não está certo. A gente não pode andar tranqüila pela rua tranqüila. Tinha que ter pena de morte. Na televisão se vê cada coisa. Olha só, aí vem outra vez o safado. E está olhando para você. Cuidado, faz de conta que não viu. Não olha pra ele.

LAURA – Você me faz lembrar de uma tia que me dizia que não devemos olhar os homens nos olhos.... Vá saber o que ela olhava (dá uma gargalhada)

LEONOR – Fica quieta, senão ele vai pensar que estamos dando bola. Depois você vai embora e eu tenho de aguentá-lo.

LAURA – E aonde está o famoso tipo?

LEONOR – Olha disfarçadamente. Está perto daquela árvore.

LAURA – É aquele o sujeito? (se levanta e acena para ele)

LEONOR – Não acena. Quê que você está fazendo? Ficou louca?

LAURA – É um conhecido do trabalho (confidencialmente) Quer de toda maneira sair comigo. Mas é carne velha, um babão. Nem morta saio com esse velho.

LEONOR – Espera um pouco, ele não é tão velho. Deve ter a mesma idade nossa.

LAURA – Eu não sei que idade você tem. Mas a mim ninguém me dá mais de trinta.

LEONOR – Eu não sei quantos anos te dão, mas você deve ter a mesma idade minha, que tenho quarenta e poucos. Vamos. Confessa.

LAURA – É ando por aí.... mais ou menos... Ontem, Sergio, um amigo de trinta e dois, me disse que tinha o corpo de uma garota de vinte.

LEONOR – Você tem um corpo lindo, ta certo, mas a cara ta bem maquiada....

LAURA – Quando quiser vou a um cirurgião plástico e pronto.

LEONOR – Eu não tenho medo das rugas. A cara é o espelho da alma, dizia minha mãe.

LAURA – Prefiro ter a alma bem lisinha(ri)

LEONOR - (toma alguma coisa) Você mora aqui perto?

LAURA – Tomo dois ônibus. Moro na zona oeste em um apartamento.

LEONOR - Ah...na zona oeste...

LAURA – Você não gosta de lá?

LEONOR – Não... não eu gosto. O ruim é que você não tem carro.

LAURA– E olha que tenho habilitação. Tirei a carteira por via das dúvidas.

LEONOR – Nós temos carro. Quase fomos morar na zona oeste, mas preferimos comprar o carro. A gente sempre tem que optar por uma coisa ou outra. Depois eu gosto de casas Os apartamentos são como gaiolas com elevador.

LAURA –Você sabe dirigir?

LEONOR –Não.

LAURA – Certamente seu marido não deixa.

LEONOR – Não, não é isso. Eu gosto que me levem, a gente se senta e parece que tem motorista. Não precisa pensar em nada. Só olhando pela janela...

LAURA – Para isso viaje de ônibus como eu.

LEONOR – Eu saio pouco. Mas quando saio, vou no nosso carro, com meu marido e meus filhos,

LAURA – Eu não nasci para que me conduzam. Se tivesse carro, dirigiria.

LEONOR –No quê você trabalha?: Aposto que é bancária.

LAURA – Como você adivinhou?

LEONOR – Todos que trabalham no banco, vêm comer nesta praça. Diga uma coisa. Quê que se sente com tanto dinheiro nas mãos?

LAURA – Muita responsabilidade, mas eu não sou caixa.

LEONOR – (desiludida) Ah....

LAURA –(Orgulhosa) Sou chefe de seção.

LEONOR –Chefe de seção. Você é chefe de seção. Que maravilha. Eu também poderia ter sido chefe de seção. E teria gostado, era boa em contabilidade. As perdas se debitam os ganhos se creditam. Tudo... eu sabia tudo. Mas o instinto que a gente tem me fez seguir a profissão de mãe. É tão lindo ver os filhos crescerem..... cuidar do marido.... alguém tem que tomar conta da casa....

LAURA –Eu tenho amigas que trabalham e têm filhos.

LEONOR – A gente tem que fazer as coisas bem. Não é igual. Você por acaso tem filhos?

LAURA – Sou solteira.

LEONOR – É o que eu sempre digo. A gente tem que optar. Não se pode fazer as duas coisas. Você renunciou a tudo pelo seu trabalho. Chamam você de chefe? Que lindo que é ser chamada de chefe. Os homens devem de ter uma bronca de você...

LAURA – Não tanto. Você tem filhos pequenos?

LEONOR – Mário tem 25 e Zulema 18. São maravilhosos.

LAURA – Mas já não necessitam cuidados.

LEONOR – Eles crescem, mas continuam sendo crianças. Temos que dar carinho, preparar uma comidinha.... a roupa... são tão apegados comigo.

LAURA – É muito bonito uma família... Eu talvez gostasse de ter uma família.

LEONOR – Mãe ou chefe de seção.A gente escolhe. Você está arrependida.

LAURA – Não, não estou arrependida. Eu não nasci para os trabalhos de casa, Eu quero ter meu escritório, com meu nome na porta, ser uma empresária, uma executiva. Nada de fraldas, nem panelas.

LEONOR – É tão bonito preparar alguma coisa com carinho, preparar cada prato, desses que ensinam na televisão, e depois ver a família sentar-se na mesa, todos juntos e...

LAURA – E em cinco minutos comem tudo o que você tardou horas em preparar.

LEONOR – Isso é verdade, não havia pensado. Mario é uma besta. Nem o cachorro come como ele. O pior é que tem uma digestão rápida e passados dois minutos vai ao banheiro e.... (começa a titubear) . Mas há outras coisas agradáveis.... é como se eu fôsse uma espécie de..... chefe de manutenção, cozinha, etc. etc....

LAURA – Bom, se você se conforma com isso.

LEONOR – Você não é uma dessas feministas, é? Mas me conta você já conseguiu o escritório com essa plaquinha que você tanto quer?

LAURA – Ainda não, mas...

LEONOR – Você já tem uns aninhos, um dia deste te aposentam e aí você dança. Você tem que se apressar, eu ao contrário...

LAURA – Mas pra você a aposentadoria não chega nunca. Oxalá chegasse. Te fazem avó e pronto. Te deixam os netos pra você cuidar dia e noite, porque os filhos têm que viver, e você terá que se dar por feliz de cozinhar e trocar as fraldas de 5, 10 ou 15 netinhos. e recomeçar tudo de novo. (Leonor está á beira de um enfarte) Tudo isso com mais trinta anos mais. Lindo futuro.

LEONOR – (ainda sufocada) Não sobrou um dos seus comprimidos?

LAURA – Não se podem tomar em seguida, porque criam dependência.

LEONOR – Não importa. (pausa - Laura volta a ler. Leonor toma água e respira fundo e finalmente suspira) – Pronto. Que você tá lendo?

LAURA – Um artigo sobre sexo e a mulher depois dos 40 anos.

LEONOR – Ah... E que diz?

LAURA – Fala sobre a plenitude sexual da mulher.

LEONOR _ Isso é verdade, eu tenho uma plenitude.... Você nem imagina... E você?

LAURA – Eu também, claro. Mas depende....

LEONOR – Depende de quê?

LAURA – Você tem orgasmo de clitóris ou de vagina?

LEONOR – Bem... algumas vezes uma coisa, às vezes outra..... Você me entende.

.LAURA – Ah!. Pensei que você já estava estabilizada.

LEONOR – Estabilizada? (nervosa) Que vou estar estabilizada. Você não conhece meu marido.

LAURA – Você só faz com ele?

LEONOR – E com quem mais?

LAURA – Na variedade está o prazer.

LEONOR – Quando se é uma “dessas”.

LAURA – De quais?

LEONOR – Das que trocam de homem como de calcinhas.

LAURA –(indiferente) Isto é interessante (Lendo) Dez maneiras de não ficar grávida.

LEONOR – Dez maneiras? Puxa, como progredimos. Na nossa época não tinha mais que duas. A pílula ou ficar com vontade. Diziam que se tomasse a pílula cresciam os peitos, cresciam os bigodes ou a gente podia ter um filho defeituoso. Aí também se tinha que optar.

LAURA – Também tinha a camisinha.

LEONOR – Nem me fala dessa porcaria. Só as prostitutas usavam. Como eu dizia, ou a pílula ou ficar com vontade.

LAURA – E você, aposto que ficava com a vontade.

LEONOR – Debutei e tchau. Gravidez com 19 anos, casamento e tudo se acabou. Pobre Rolando, a cara que fez quando lhe contei...Pelo menos não deu no pé, como acontecia com as outras.

LAURA – E você casou com o primeiro? Eu nem morta. Não vou negar que me assustava, mas tomava o comprimidinho de manhã e se acabava o assunto.

LEONOR – Por que merda eu tinha tanto medo da pílula? Os seios cresceram igual, bigodes depilado e das crianças deformadas, deve ser mentira, senão existiriam um montão de crianças com cinco mãos. (convencendo-se) Mas ao menos fiquei com o orgulho de dizer que sou mulher de um homem só.

LAURA – Si você está conforme..

LEONOR – Teriam que condecorar-me, pelo menos uma medalha antes de morrer: uma medalha de honra ao mérito.

LAURA – A mim teriam que me dar uma faixa azul de popularidade (ri)

LEONOR – Tantos?

LAURA – (confidencial) Nunca muitos de cada vez. Mas que usei... usei.....Ah! Isso sim que acalma os nervos.

.LEONOR –(alterada) Não me fale de nervos, Nem “disso” também.

LAURA –Não se faça de desentendida.

LEONOR – Você deve ter conhecido muitos homens.

LAURA – Há cada louco à solta.

LEONOR – E sempre por prazer?

LAURA – Com você não se pode falar. Você é preconceituosa. Primeiro disse que era drogada e agora prostituta.

LEONOR - (com malícia) Talvez fosse conveniente..... que você tivesse conseguido misturar o trabalho com o prazer.

LAURA – Tenho o direito de sentir e desfrutar como eles. É certo que se eu fosse homem estaria tudo bem.

LEONOR – Eu disse que você era feminista.

LAURA – Você ficou com sua medalha de honra ao mérito e eu estou muito feliz com minha faixa de popularidade. Aposto que você educou sua filha para que seguisse seus passos.

LEONOR – Pelo que ela me escuta.

LAURA – Mas ela não era tão apegada?

LEONOR – Foi uma maneira de dizer, Você tão avançada pra frente, se daria bem com ela. O que eu posso ensinar, eu que fiquei fora do jogo no primeiro tempo? Seria melhor que se parecesse a você com seu desempenho.

LAURA – Pelo menos vai poder escolher e não se amarrar com o primeiro.

LEONOR –É bom que você arranje logo alguém senão vai ficar sozinha ou com o saldo da liquidação.

LAURA – Isso não é verdade.

LEONOR – Tanto cuidado com as doenças venéreas e depois...

LAURA – Eu me cuido muito, é bom que você saiba. Não faço com qualquer um, só com amigos.

LEONOR – Amigos?

LAURA – Sim. Eu os chamo assim.

LEONOR – Eu tenho um amigo só, que por sinal é meu marido. É tão gostoso dormir abraçada com alguém. Sentir seu calor na cama . Pelo menos teus amiguinhos ficam para dormir?

LAURA – Não, nunca.

LEONOR – Claro, pássaro que comeu, voou.

LAURA – Não, eu não os deixo ficar. Estou muito bem sozinha ... e depois...

LEONOR – Claro, certamente são casados e as esposas não os deixam dormir fora de casa.

LAURA – Já disse que não quero que durmam em casa. Insistem e insistem, mas eu não quero. Ontem mesmo um me pediu em casamento. Eu recusei e ainda assim ficou até às 5 horas da manhã e hoje me ligou para o escritório e eu mandei dizer que não estava. Quando digo não, é não.

LEONOR – E onde se conheceram?

LAURA – Dançando.

LEONOR – E como ele se chama?

LAURA – (duvida) – Se se chama João..

LEONOR – E quantos anos tem?

LAURA _ Vinte e nove anos.

LEONOR – Um pouco mais velho que meu filho, esse teu amiguinho.

LAURA – Mas é muito maduro.

LEONOR – E te propôs casamento? Você está pensando que porque não vivi muito não tenho noção das coisas? Não acredito. Você está mentindo. Veja se essa criança vai propor casamento a alguém da sua idade.

LAURA – (alterada) É verdade, é a mais pura verdade.

LEONOR – Você deveria ter aceito então. Os anos passam rápido e ficar para titia não é nada divertido. É maravilhoso ter um homem sempre com a gente. Claro que você não gosta..

LAURA – Claro que eu gosto, já que você quer saber tudo, nenhum desses filhos da puta quer alguma coisa séria,, nunca consegui que alguém ficasse ao meu lado. Estou só. É isso que você queria escutar? Sou uma solteirona, não tenho sequer um cachorro que ladre quando chego em casa., porque sou alérgica a cachorros.Está contente agora? (chora) De qualquer maneira eu não trocaria

minha vida pela sua. Você se olhou no espelho? Diz que temos a mesma idade, mas você engordou feito uma vaca depois que conseguiu um porto seguro.

LEONOR – Vaca gorda? Eu uma vaca gorda? (está em estado de choque – Laura tira um comprimido e toma) - Uma vaca gorda.....

LAURA – (ao ver o estado de Leonor) Toma um, está te fazendo falta.

LEONOR – Não precisa, vai me fazer mal.

LAURA – Não vai fazer mal nada. Eu num dia tomei 15 e não me aconteceu nada.

LEONOR – (olha pra ela) Uma vaca gorda, como a Rosinha.

LAURA – Desculpa.

LEONOR – Não vou desculpar nada. Você disse a verdade. Eu fiquei acomodada... eu sei disso. Antes eu me cuidava sabia? Quando era jovem fazia touca todos os dias ou pedia a uma amiga para me fazer uns penteados assim altos. Usava cílios postiços, assim grandes e punha umas mini saias bem curtinhas. Mas um dia, não sei quando deixei de me olhar no espelho. As crianças, o trabalho de casa, não sei exatamente o que foi, talvez tenha sido este tricô de merda que em embruteceu. (Joga o crochê no chão) Você tem um espelho na bolsa?

LAURA – Deixa pra lá, não importa.

LEONOR – Claro que importa. Me empresta (se olha no espelho) Uma vaca gorda. É isso que eu sou. Esperando ir para o matadouro. Estou velha e feia. Que vergonha. Estou tão envergonhada. (Olha a roupa) Tenho manchas de fritura. (quase chorando)

LAURA – Fica tranqüila.

LEONOR – Já estive tranqüila muito tempo. Agora tenho que ficar nervosa. Tenho que fazer alguma coisa, tenho que me movimentar (começa a caminhar) Você me disse a verdade e eu fui injusta com você. Senti inveja.... faz seis meses que meu marido e eu....não.... não fazemos nada de nada. Antes era uma vez por mês pelo menos... mas agora.... Que plenitude sexual dos quarenta que nada, que merda! Uma vaca gorda. Como uma vaca gorda pode excitar alguém? Aposto que tem outra por aí. Alguma dessas que se deita com qualquer um.

LAURA – (chora)

LEONOR – Não, não disse por você. Foi uma maneira de dizer. Não pensava em você.

LAURA – Você pelo menos tem as crianças.

LEONOR – Mas eles tem a vida deles. Rolando também, mas eu espero. Algumas noites chegam cedo, então os vejo. Belo consolo. Passo o dia sozinha entre quatro paredes esperando que alguém chegue. Tem dias que minha garganta fica seca, por não ter com quem falar. Daria qualquer coisa para ter sido alguém como você. Chefe de seção, sei lá.

LAURA – Vem aqui. Senta. Toma uma água. Minha garganta também fica seca. Nove horas frente a uma tela de computador, com numerinhos, numerinhos, somar, dividir, somar, dividir. Antes ainda falava um pouco, quando atendia os clientes, mas apareceram as varizes e me transferiram. Agora fico frente ao computador. O dia inteiro, por isso não gosto da televisão.

LEONOR – Mas pelo menos você é paga por isso. Tem seu dinheiro. E pode fazer o que quiser com ele.

LAURA – Quando consegue cobrir as despesas... E ainda tenho que economizar para o futuro,. Eu não tenho ninguém que me entregue o envelope no fim do mês.

LEONOR – Ou seja, o que você ganha é apenas para manter-se.

LAURA – Estamos em crise.

LEONOR – Meu avô costumava dizer que se criou em plena crise. Agora teria mais de 100 anos. Desde que me lembro estamos em crise (se ri a gargalhadas) Que vidas. Nossas vidas não dariam uma telenovela.

LAURA – Escuta. Escuta. Olha a música.

LEONOR – É da nossa época. (Danzam) Eu a dançava no clube e bem agarradinha com Rolando.

LAURA – Eu saía com um estudante de medicina. Tinha o cabelo comprido até aqui. E ele achava que se parecia a Ringo Star.

LEONOR – Rolando adorava sueters. Foi aí que peguei a mania de fazer tricô.

LAURA – Nossa, já é quase uma hora. Vou indo, tenho que bater o ponto.

LEONOR – As chefes também batem ponto?

LAURA – Lá vem você de novo . Sou “quase” chefe. Encarregada por agora. Mas na próxima reestruturação devo estar dentro. Vou indo. Obrigada pelo refrigerante e pela água. Tchau

LEONOR – Tchau... Espera... Amanhã você volta ?

LAURA – Não sei, tenho muito trabalho atrasado...

LEONOR –Faz uma força. Não sei se foram os comprimidos ou o quê, mas me sinto melhor. Talvez por ter falado com alguém....

LAURA – É quase certo que venho.

LAURA – Vou trazer uns croquetes de batata, que faço muito bem. E também vou trazer meu álbum de fotos antigas.

LAURA – Até amanhã Leonor.

LEONOR – Até amanhã Laura.

Leonor fica sentada, olha o banco e vê o espelho. Olha para ver se ainda a vê, então toma o espelho e se observa. Belisca a cara, ajeita o cabelo e sorri. No radio uma música de acordo com o tema

FIM